O DESENVOLVIMENTO DE CRITÉRIOS DE SEGMENTAÇÃO NA ESCRITA

MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE Universidade Estadual de Campinas ADEMAR DA SILVA Universidade Estadual Paulista/Araraquara

1. Introdução

A indagação cobre os possíveis critérios utilizados pelas crianças em fase a inicial de aquisição de acestia, para a colocação de espaços em branco entre tesegüências de letras, permite levantar questões teóricas interessantes para uma investigação mais sistemística sobre os aspectos lingúisticos e cognitivos obre os aspectos lingúisticos e cognitivos envolvidos no processo de aquisição da representação escrita da linguagem. Neste trabaho, faremos algumas considerações que nos parecem

Neste trabaho, faremos algumas considerações que nos parecem oportunas sobre a releváncia dos dados relativos aos "recortar" (elios pelas crianças em enunciados coráis ou escritos para a compreensão do modo como elas percebem, em diferentes momentos de seu deservo/vimento lingitistico, a relação entre a linguagem e a realidade por ela representada. Acreditamos que dados experimentais e naturulásticos fornecem preciosos indícios sobre a natureza cambiante dessa relação. Por outro lado, acreditamos que uma embor compreensão de tal relação pode nos ajudar a entender os criterios unitardos pela criança para segmentar sua escrita inicial, bem como o papel que passa a desempenhar a própria atividade de leitura/secrita no desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a própria linguagem, ou seja, no desenvolvimento de capacidade de reflexão sobre a própria linguagem, ou seja, no desenvolvimento de capacidade de reflexão sobre a própria linguagem.

O tema geral da aquisição da linguagem tem uma dupla face: as indiagações sobre aquisição da linguagem cria anticipam, necesariamente, questões sobre a aquisição de sua representação escrita, so mesmo tempo que indiagações sobre o desenvolvimento da scertia pressupêrem questões sobre o desenvolvimento da cortai pressupêrem questões sobre o desenvolvimento da cortai formalação incida do problema do desenvolvimento dos critários de segmentação na escrita, sem uma indagaçõe so respeito de como tem sido conduzida, nas escrita, sem uma indagaçõe a respeito de como tem sido conduzida, nas escritas, sem uma indagaçõe a respeito de como tem sido conduzida, nas escritas, sem uma indagaçõe a respeito de como tem sido conduzida, nas esquisas esa quagis do a linguagem oral, a discussión sobre como ac erianças segmentam a própria fala. Faremos, pois, na próxima seção, um breve resumo de alguns trabalhos em que se focaliza a questão da segementação, na fala en a escrita. Ao selecionar esses trabalhos não nos preocupamos, certamente, com a exaustividade. Nossos critário foi o da identificação, nos trabalhos, de dados exaustividade. Nossos critário foi o da identificação, nos trabalhos, de dados

experimentais ou naturalísticos que nos permitissem conduzir a discussão por caminhos que, no momento, parecem-nos teoricamente mais produtivos.

2. O estado da arte nos estudos sobre segmentação da fala e da escrita

O trabalho de Peters (1983) está entre aqueles que, a partir de indagações voltadas para a aquisição da linguagem oral, tematizam o aspecto desse processo que aqui nos interessa particularmente: os "recortes" ou "extrações" de determinadas porções dos enunciados orais feitos pelas crianças, que podem fornecer indícios dos critérios por elas utilizados para segmentação do material lingüístico. Peters afirma que, no processo de aquisição da linguagem oral, a criança está "imersa" em um constante fluxo de sons da fala que são, na maioria das vezes, blocos maiores do que as palavras como normalmente entendidas pelos adultos. É desse fluxo, desconhecido para a criança tanto em termos estruturais como em termos semânticos, que ela, segundo a autora, "extrai" pedacos, determina contextualmente seu significado e os armazena para usos futuros. Essa, segundo Peters, seria a manifestação de um dos processos centais em toda a fase inicial da aquisição da linguagem oral. Cabe comentar que, embora a noção de extrações contextualizadas de porções dos enunciados orais seia interessante, a proposta de que as porções extraídas pelas criancas possam ser "armazenadas" para futuros usos é problemática e mereceria uma discussão muito mais aprofundada do que a que se poderia conduzir aqui.

Ent termos de escrita, a discussão dos critérios de segmentação dos enunciados, por parte da criança, deve necessariamente levar em conta uma ouvariade multo significativa os critérios morfológicos de segmentação que estão na base de muitos sistemas alfabeticos de escrita, segundo os quais dev-secolocar um espaço em brance ostre cada unidade lingüística com statute de palavra autônoma. Uma vez que, quando começam a elaborar hipóteses sobre o funcionamento desses sistemas de escrita, as crianças já estão contemplando o manipulando material escrito, é mais do que provável que elas, nesse momento, já estejam tomando muitas das suas decisões sobre on de colocar os espaços em branco nas escritas aque produzem com base na observação de dados representativos da escrita adulta.

Ot trabalhos sobre segmentação na escrita infantil têm como uma de suas precoupações, portanto, saber como as crianças elaboram o conceito de palavra, necessário para que possam utilizar os espaços em branco da escrita segundo a convenção. Nesse sentido, muitos desses trabalhos, sobretudo aqueles de cunho seprimental, têm por objetivo verificar quantas palavras as crianças identificam em determinados enunciados. Karpova (1955), por exemplo, estudando crianças susasse mi laded pré-escolar (entre 3 o 7 anos), em uma situação experimental em que elas eram solicitadas a simplesmente identificar o número de palavras ocorrentes em um conjunto de sentenças, chegou às conclusões seguintes, com relação às crianças com idade inferior a 7 anos:

 a) as crianças não foram capazes de dividir sentenças em unidades lexicais;

 b) as crianças mais velhas, em sua maioria, foram capazes de distinguir nomes e de dividir as sentenças em sujeito e predicado;
 c) preposições e conjunções são, para essa crianças, as unidades mais

c) preposições e conjunções são, para essas crianças, as unidades mais difíceis de serem identificadas e isoladas.

Alguns exemplos, tirados desse trabalho, ilustram as conclusões:

A child aged 6,10 in response to the sentence "Galya and Vova went walking", replied, "There are two words. Vova is one and Galya is the other" (p. 370).

E: Misha ran quickly. What's the first word?

S (6,1): Misha. E: And the second?

S: Ran quickly (p. 370).

Hutenlocher (1964), com o objetivo de mostrar que co pré-escolares têm dificuldades par dividir sequências de duas palavas em palavaris soladas, realizou um experimento com dois grupos de 33 crianças, de idade entre 4 anos com dois grupos de 33 crianças, de idade entre 4 anos com grupo foram solicitadas a inverter os membros de quinze pares de digitos/derna/plavaras, enquanto ás crianças do segundo grupo solicitos-se que separassem os elementos de cada um desses quinze pares. Para fins de experimento, sou unize pares foram oranziazdos en cinco catecorias.

Categoria	Pares
I	5-2; D-S; 3-7
II	black-white; child-lady; foot-hand
III	man-runs; red-apple; she-went
IV	I-do; you-are; it-is
V	table-goes; house-did; orange-cow

Os pares de categoria I foram compostos por letras e números; os da categoria II, por palavras antônimas, sem relação gramatical; os da categoria

III. por palavras que mantêm entre si uma relação gramatical (os elementos desses pares, se invertidos, tornam-se agramaticais); os da categoria IV, por pares de palavras que mantêm entre si uma relação gramatical, qualquer que seja a ordem dos elementos; os da categoria V, por pares semanticamente anômalos, no sentido de que poderiam ocorrer, mas somente em contextos especiais, do ponto de vista pragmático.

Antes do experimento, pares de dígitos foram lidos para as crianças, que foram treinadas para repeti-los na ordem inversa. Essa habilidade foi por elas adquirida com certa facilidade.

Durante o experimento, realizado individualmente, os 15 pares foram aleatoriamente apresentados a cada criança, ou seja, sem que fosse seguida a ordem das cinco categorias conforme apresentadas acima. Para cada resposta correta, dada a tarefa específica, o experimentador dizia "muito bem" e passava para o par seguinte; nos casos em que havia erro ou ausência de resposta em vinte segundos, ele fornecia a solução correta para a criança.

Embora a tarefa do grupo I fosse um pouco mais difícil do que a do grupo II, já que a criança teria de saber separar, para poder inverter, as crianças de ambos os grupos demonstraram maior facilidade para separar e/ou inverter os itens das categorias I, II e V, e maior dificuldade para operar com os itens das categorias III e IV.

Com relação à categoria III. Huttenlocher afirma que a dificuldade em identificar os elementos do par poderia advir do fato de que a criança está sendo solicitada a transformar sequências comuns (red apple, man runs) em següências absurdas, do ponto de vista da língua inglesa (apple red, runs man). Com relação à categoria IV, sua hipótese de interpretação da maior dificuldade de separação é baseada no pressuposto de que a criança, embora conheça do I, are you, is it, como pares possíveis, desconhece as palavras que os compõem, uma vez que elas raramente são usadas como unidades isoladas. Viria daí a sua dificuldade em inverter I do, vou are, it is.

É interessante observar, com relação a essas hipóteses propostas para dar conta da dificuldade de separação de palavras nas categorias III e IV, que elas pressupõem que essas crianças já estejam operando sobre o material lingüístico, ou seja, que elas já estejam conseguindo objetivar os enunciados e destacá-los da realidade à qual fazem referência, pois somente a partir de tal pressuposto faz algum sentido falar em "seqüências comuns ou absurdas", ou em "a crianca conhece do L are vou, is it, como pares possíveis". Essas hipóteses parecem pressupor, portanto, por parte dessas crianças, uma habilidade metalingüística que elas talvez ainda não possuam. Na verdade, como teremos oportunidade de discutir mais adiante, a habilidade para isolar alguns elementos dos enunciados não implica necessariamente uma objetivação do lingüístico, nem, por consegüência, uma compreensió de conceito de palavra enquanto unidade linglistica. Essa pressuposto, que nos parce equivocado, parece subjazer a um número considerável de experimentos voltados para a investigação do que venham a ser palavras para as crianças. Voltaremos a esta questió na seção 3 deste texto.

Holden de MacGinitie (1972) também investigarama a concencio ou ue fem

as crianças acerca dos limites da palavra oral e escrita, para o que testaram individualmente, em duas situações experimentais, 84 crianças do jardim de

infância, de idade entre 5 anos e 4 meses e 6 anos e 8 meses.

No experimento I, cada criança, depois de ter sido treinada para bater

com o dedo en uma ficha de pobera e ada "palavra" que era capaz de reconhecer enquanto ouvia a gravação de enunciados, era solicitada a proceder da mesma forma enquanto repetia ela mesma um enunciado específico. Segundo os autores, as chamadas palavras funcionais foram mais difficeis de serem percebidas como unidades autómoras do que as palavras com "maior conteido lexical" (referencial). Assim, a ocorrência de erros foi maior em The dog wunted to est bones do que em The dog wunted bones, já que no primeiro caso, além de manifestarem a tendência para segmentar como uma unidade a seqüência constituida por the e dog, as crianças manifestaram tendência semelhante com relação a to e act. Thedog / wunted / total / bones.

Bases autores observaran também que a percepçio das chamadas palavras funcionais como unidades isoladas (formas livres) parece estar condicionada pelo contexto onde elas cocreren. Em Tou have to go home, houve crianças que interpretaram to e have como unu unidade, enquanto outras tomaran como unidade to e go: 12 crianças produziram Tour, havevo/go/home, enquanto 5 preferriam Tour, have y togo / home. Nenhuma das 32 crianças, no entanto, em The dog wanted to eat, produziu wontedto, embora muitas tenham renduzido tocar.

Um comentário se fize oportuno, neste momento. O fato de as crianças la verdade, cinaças diferentes/ vincularem a preposição ro or ao auxiliar wanted, ora no verbo principal do enunciado, eat, não pode, de forma alguma, ser tomado como indicação de que essa preposição, nesse contexto, é mais facilmente percebida como uma forma livre, ou seja, como uma palavra solada. Ques-roos parecer que os autores foram levados a easa hipótese pela aparente "mobilidade" da preposição, percebida por algumas crianças como parte constituitava do auxiliar, e-, por outras, como parte constituitava do verbo principal. Na verdade, o indício importante para a hipótese dos autores seria a coorrência isolada do to, o, que talvez pudesse ser interpretado como a artibuição de um status autônomo a esse elemento, nesse contexto específico, por parte de alsumas crianca. Já com relação no verbo to be, os autores registraram a identificação de forma is como isolada em contextos específicos. Na função de oópulas, por exemplo, no enuesido The snow is cold, 85% das crianças conseguius isolar a forma is Mesmo no forma interreguiava, že te savou colde, 78% isolavo is. Entretanto, no enuesiado Bill si drinking soda, em que o is ocorre como auxiliar na forma progressiva do verbo drinki, 45% das crianças percebeu esas forma como parte constitutiva do verbo principal: Bill y Judrinking / soda. Registraram-se atambém algumas coorriencias de Bills / drinking / soda. No enunciado interrogativo že Bill drinking soda? 65% das crianças percebeu is e Bill como uma vanidade :Bill / drinking / soda. No

A consideração desses dados, bem como de outros dados como Thebook /isin/the desk, ou Houses/were / builtby/themen, levou os autores a postularem a hipótese muito plausível de que o contexto ritmico dos enunciados pode fornecer pistas para as segmentações feitas pelas crianças:

The book is in the desk was segmented as The book / isin / the desk, perhaps as a result of spontaneously imposing a rhythmic pattern on the utterances.

(.....

One may guess from this last example [Bill / isdrinking / soda vs. IsBill / drinking / soda) that the child's sensitivity to the rhythmic aspects of an utterance may indeed influence the way he segments it.

(.....)

Whether some responses are in fact, based on rhythm, and what characteristics of the sentence, the child, and the experimental situation increase the likelihood of such responses are questions that remain to be investigated. (p. 554)

Valea pena relletir sobre a observação final dos autores, na citação acima. Ao chamarem a atenção para o fato de que determinadas características de enunciados particulares, bem como características da própria criança, ou mesmo da situação experimental, podem aumentar a probabilidade de ocorrência das seguentações influenciadas pela percepção de padrões trimicos, esses autores deixam implícito que as soluções propostas pelas crianças para problemado esgementação (tanto na fiala como na escrita inicial) podem ser episódicas e singulares. Esse caráter localista de muitas das hipóteses iniciais das crianças sobre segmentação (tanção ç na vertada, o que vimos constando em nossos trabalhos sobre o desenvolvimento de critérios de segmentação na secrita do português, a partir da observação de dados naturalísticos, errepessativos da secrita infantil

espontânea (cf. Abaurre, 1988a, 1988b, 1991a, 1991b, 1991c; da Silva, 1989, 1991).

Voltando ao trabalho de Holden and MacGinitie, o que se pediu a 57 das 84 crianças, no experimento II, foi que cada criança, depois de treinada para assim proceder, identificasse, em fichas onde estavam impressas quatro sentencas com um número variável de palavras, aquela sentença onde ocorria o mesmo número de palayras que ela bavia contado ao bater com o dedo pas fichas de pocker. O resultado desse experimento, considerado pelos autores como de natureza meramente exploratória, demonstrou que as crianças, nessa idade, claramente desconhecem as convenções gráficas relativas à segmentação, ou seja: ainda que demonstrem poder compreender a função dos espaços em branco como delimitadores, na escrita, do que aí se consideram as "palavras", elas não são ainda capazes de reconhecer palavras a partir de sua definição convencional, morfologicamente motivada. Os autores chegaram a essa conclusão a partir da constatação de que, embora algumas crianças (as que demonstraram um comportamento congruente) tenham escolhido sentencas escritas onde reconheciam um número de conjuntos de letras, delimitados por espaços em branco, idêntico ao número de batidas de dedo nas fichas de poker, nenhuma das crianças foi capaz de escolher de forma consistente a representação escrita convencional de um enunciado se ela já não o houvesse segmentado corretamente na fala

Ferreiro e Teberosky (1979), a partir de experimentos de inspiração piagetiana, com base em cujos resultados propõem um modelo de aquisição da escrita, discutem também os critérios de segmentação utilizados pelas crianças em seus recortes dos enunciados orais e escritos. Com o objetivo de identificar quais as hipóteses elaboradas pelas crianças sobre o que se deve ou não escrever, sobre as correspondências existentes entre os recortes que se podem fazer na oralidade e os recortes da escrita e, ainda, sobre a necessidade de se usarem espaços em branco, na escrita, para separar partes dos enunciados, essas autoras conduziram experimentos em que as crianças eram solicitadas a identificar precisamente o lugar de determinadas palavras nas suas propostas de escrita para os enunciados oferecidos pelo experimentador. O desempenho das crianças nesses experimentos confirmou o que Holden e MacGinitie, e.g., já haviam percebido em seu experimento "exploratório": os critérios de segmentação da escrita utilizados por pré-escolares são bem diferentes dos critérios convencionais. Os diálogos abaixo transcritos são representativos da maneira como as 56 crianças submetidas a esses experimentos vêem a questão da segmentação, a partir de enunciados escritos ora pelo adulto, ora por elas mesmas (apresentamos os exemplos traduzidos do espanhol, já que as observações relevantes são válidas tanto para o espanhol como para o português:

1. Pablo (6 anos, classe média)

Enunciado escrito (adulto): A menina comeu um caramelo

Experimentador	Pablo:
Onde escrevi menina?	(hesita, logo mostra caramelo).
Onde escrevi caramelo?	(mostra, A menina).
Aqui, o que diz (comeu)?	Comeu um caramelo.
E aqui (caramelo)?	A menina.
Aqui (comeu)?	Comeu caramelo.
Diz um em algum lugar?	Não sei.
Como é tudo junto?	A menina (mostra caramelo) comeu um caramelo (mostra o resto,
	da direita para a esquerda). (p. 125)

2. Isabel (6 anos, classe média)

Evperimentador

Enunciado escrito em cursiva, pela criança: oursocomemel

AND PARTY OF THE PROPERTY OF THE PARTY OF TH	BROWN STREET
Mostre-me cada coisa	O urso (ourso): urso e mais nada;
	come (come).

Está certo assim tudo junto?

Não têm importância que
esteja escrito assim?

Sim, não importa que esteja
escrito tudo junto. (b. 111)

As respostas de Pablo indicam que ele ainda não consegue reconhecer, na escrita segmentada do adulto, as partes que correspondem às palavras que compõem o enunciado. Sua última resposta mostra que ele sequer conhece a direção convencional da escrita. Quánto a Isabel, apesar de ter escrito afabeticamente o que lhe lava is dos solicitado, suas respostas indicam que não é ainda capaz de operar com o critério morfológico de segmentação da escrita, que exige a colocação dos espaços em branco entre as palavras. Na verdade, ela não usou espaços em branco a os escrever o enuncido. Poder-ses-i apensar que Isabel não vê nenhum motivo para separar, na escrita, porções desse enunciado, uma vez que o percebe como um todo semanticamente indivisível. Para isa cou divida contribui ainda o seu estatuto de grupo tonal autónomo, na língua, já que é um enunciado afirmativo, caracterizado prosodicamente por um contorno entonacional descendente. O que esignifica exatamente, no entanto, afirmar que uma criança em idade prê-escolar "percebe um enunciado como um todo semanticamente indivisivel". Poder-se-ia afirmar, com segurança, que as crianças dessa idade já se dão conta de que os enunciados da língua e os aspectos da realidade soa quais eles fazem referência são, na verdade, entidades diversas? Parece-nos que esta questão mercec ainda uma discussio mais aprofundada do que a que até o momento tem sido feita nos trabalhos que se ocupam da segmentação da ornilada e da escetira. Voltaremos a ela na seção 3 deste trabalho.

Das 56 crianças entrevistadas, somente 11 propuseram alguma separação (cf. pág. 138). A maioria delas sugeriu divisões em duas partes (que corresponderiam às funções sintáticas de sujeito e predicado) ou em três partes (que corresponderiam ao sujeito, ao verbo e ao seu complemento).

Observe-se que o fato de algumas crianças mostrarem tendência para recortar os enunciados em partes que correspondem ao que pode ser analisado, em termos sináticos, como sujelto, predicado ou complemento, não implica necessariamente, é óbvio, que elas estejam já impondo uma segmentação à própria linguagem, e/ou operando sobre o próprio material lingüístico constitutivo dos enunciados com algum grau de "consciência".

Todos os trabalhos aqui mencionados, bem como os dados de segmentação que apresentam e discutem, apontam para uma mesma questão: qual é, afinal, a natureza dos dados manipulados pelas criancas pré-escolares quando fazem suas hipóteses de segmentação da fala ou da escrita inicial? Esses trabalhos partem do pressuposto de que as crianças iá estejam tomando a linguagem como um objeto de análise e manipulação. Ora, embora seja óbvio que todas elas estejam evidentemente usando a fala e/ou a escrita como um meio através do qual ficam registradas suas hipóteses de segmentação, desse fato não decorre necessariamente que elas já reconhecem a linguagem como isolada da realidade. Pode ser que, em muitos casos, essas crianças estejam ainda tentando recortar a própria realidade, buscando identificar, no espaço de um mundo factual, aspectos que possam merecer o estatuto de "entidades com existência autônoma". Por outro lado, esse exercício mesmo de segmentação, que toma necessariamente por suporte a linguagem em sua forma oral ou escrita, acaba contribuindo significativamente para o (longo) processo que leva ao reconhecimento da própria linguagem como separada da realidade que simboliza. Na seção seguinte discutiremos mais detalhadamente esta questão.

3. Recortar o mundo, segmentar a linguagem: duas faces de um mesmo processo

Voltaremos a considerar, aqui, os dados apresentados acima, referentes ao trabalho de Huttenlocher (1964), uma vez que as categorias aí estabelecidas, agrupadas pelo grau de dificuldade que os diferentes pares de itens ofereceram para os sujeitos do experimento, em termos de segmentação, permitem discutir

a hipótese que nos interessa aqui investigar.

Veiamos primeiramente o que há de comum com relação aos exemplos das categorias cujos pares foram considerados mais "difíceis" de segmentar, as categorias III (man-runs; red-apple; she went) e IV (I-do; you-are; it-is). Se é correta a hipótese esbocada no último parágrafo da secão 2 acima, segundo a qual muitas crianças podem, de fato, em situações experimentais ou naturalísticas (como na escrita espontânea), estar usando como critério de "recorte" da realidade a identificação, nesse espaço factual, de alguma entidade específica. fica fácil entender porque elas tendem a não segmentar pares como man-runs ou red-apple: um homem que corre ou uma maçã vermelha são entidades específicas do mundo que conhecem, e não é absurdo supor que o enunciado "homem-corre" traz à mente de uma criança (e à de muitos adultos) a imagem de um homem específico do qual não se pode dissociar a ação de correr, e não necessariamente um conceito de homem ou de uma ação de correr. O mesmo comentário pode ser feito a propósito de macã-vermelha, caso em que a especificação de cor não se dissocia de uma maçã determinada. Com relação aos exemplos como you-are e I-do, é possível supor que as crianças já consigam lidar com conceitos como you e I, mas não com are e do, se tomados isoladamente. Assim, é natural que tenham dificuldade em segmentar esses

O que dizer, no entanto, das categorias cujos pares elas segmentaram mais facilmente, no experimento? Consideremos, inicialmente, os pares da categoria II: black-white, child-lady, foot-hand. É evidentemente impossível, no mundo do qual aqui se fala, imaginar entidades que sejam simultaneamente brancas e pretas, criança e senhora, pé e mão. Na impossibilidade de representar tais "entidades" como indivisíveis, a hipótese que imediatamente se oferece à criança é a de que sejam duas. O mesmo se pode provavelmente dizer dos pares das categorias I e V, onde os itens colocados lado a lado não permitem, se tomados como indivisíveis, o reconhecimento de uma entidade no mundo (a não ser se aceitas algumas anomalias, como em house-goes, house-did, ou orange-cow, tomando-se orange como a especificação de uma cor, e não como a fruta). Os resultados desse experimento parecem confirmar a hipótese, portanto, de que as criancas, muitas vezes, vivem situações em que, espontaneamente ou por solicitação dos adultos, são levadas ao exercício de recortar a própria realidade. Como é sem dávida a lingua o meio (ou contexto, no sentido pacorquanitio de locifinalo pero Desancial. 1987) por intermédio do qual o próprio recorte da realidade adquite expressão, é lícito supor que exercícios do gênero acabem por determinar a possibilidade mesma de uma dissociação, por parte dos falantes, entre a lingua - tomada como contexto lingüístico do pensamento - e o mundo por ela presentado (e, em um certo sentido, por ela constitudo). Residiria fa, falvez, o germe da reflexão dita metalingüística. Pode-se dizer, portanto, que a vivéncia de certas situações em que a linguagem acaba por ser focalizada, seja em um contexto experimental, ou mesmo em uma situação de leitur/jescrita espontânea, em que determinados aspectos materiais das formas lingüísticas adquirem sallência, contribui significativamente para que a criança passe a ver a linguagem como um objeto de reflexão.

Observe-se que as cinco categorias estabelecidas por Hutenlocher foram definidas segundo critérios sintáticos. Isso não nos autoriza a concluir, é claro, que se esteja af propondo que as crianças do experimento baseiem suas hipóteses de segmentação na percepção de tais relações. Una interpretação possível (e singelaf) dos dados, no entanto, parce ser a que aqui propornos: seriam ainda operações de recorde da realidade, percebida pleas crianças entre termos bem específicos e factuais, que poderiam ainda estar por tris de determinadas seementacões que fizem dos enunciados linicídicos.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que os dados naturalísticos das escritas infantis espontáneas parecem confirmar as duas hipóteses aqui sugeridas para a abordagem dos fatos relativos à segmentação da oralidade e da escrita, em fases iniciais da aquisição desasa modalidades: a) as ciranças, em vários momentos, parecem operar sobre uma representação da própria realidade, á qual impõem seus recortes; b) o próprio exercício de recortar, necessariamente medidado pela linguagem em sua função psicopragnática de contexto do próprio pensamento, acaba por focalizar a materialidade dos significantes lingústicos, assim contribuindo para que as crianças aprendam a descolar a linguagem do mundo e a operar sobre ela de modo a segmentá-la, categorizá-la o egranizá-la no espaço de sua virtual sistematicidade.

Os chamados textos espontâneos, produzidos pelas crianças em fase inicial de aquisição de escrita, em situações em que é delas a responsabilidade de decisão sobre o que vão escreves (sem determinação prévia do professor, como nas atividades escolares mais controladas), oferecem dados muito interessantes para a análise dos critérios de segmentação com os quais as crianças parecem estar operando, muitas vezes de forma singular, em momentos particulares da elaboração da sua escrita (cf. Abaure, 1988a, 1988b). Observamos, em um copras constituido por centenas de lextos esponiâneos e presentativos da escrita

inicial de crianças brasileiras (de escolas públicas e particulares, da pré-escola e da primeira série, de diversas regiões do país e de diferentes classes aécio-econômicas), dados de hipo-segmentações que parecem ilustrativos dos três casos que integram a categoria III de Huttenlocher. Seguem-se alguns desses exemplos, coletados oa oacas no corpus:

- IIIa. (cf. man-runs): omebateu (homem bateu)
- IIIb. (cf. red-apple): pediarvere (pé de árvore), pedefegão (pé de feijão), amigodoleão (amigo do leão), cachorociente (cachorro quente) probepato (pobre pato)

-IIIc. (cf. she-went): eufui (eu fui), lavois (ela foi), élagosta (ela gosta), iliqueria (ele queria), elecaiu (ele caiu), elemorreu (ele morreu), vosevai (você vai), vosemora (você mora), euvou (eu vou).

4. Considerações finais

A observação dos dados das escritas esponâñeas permitiria identificas ainda uma seira de outros casos de hipo-segmentações que envolvem, por exemplo, elementos clíticos como artigos, pronomes pessoais e preposições, ou mesmo outros elementos lingliaticos como advérbios, pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos), conjunções, formas auxiliares de verbos. Esses parecem ser, detriero outros, os elementos que as ectinaças muitas vezes não dissociam dos itens lexicais nos quais estão semantica e fonologicamente varposidos. Por sentido de que podem, na fala, vir a contátuis grupos de força ou mesmo grupos tonais, quando associados a outros itens lexicais), no como direito a um recorte projerio em termos da realidade. Alguns exemplos: un indibatia, deouro, unidia, apada, cesanura (se salvara), oquelja, mainhacaza, avuelefona (vou telefonac), todanudo (todo mundo), elaficoucorte (ela ficou contente), munecedo (muito esperio), jaestacemento), identificamento di está comendo).

A propósito de exemplos como os eleinados acima, em que a porção segmentado pelas crianças, na secrita, paree ocerestina, paree corresponder a grupos de força ou ou grupos tonais - unidades ritunico-entonacionais (prosódicas) da fala - pode-se altuleze concluir que a próptia prosódica, ejus "movementos" e "concornos" são desta labeze concluir por a propria prosódica, ejus "movementos" e "concornos" são por assim dizer, o námbito dos enunciados lingidisticos, determinadas porções sendidos, tales en enciados lingidisticos, determinadas porções sendidos. En esta entra de a concornos de entra entr

momento a perceber que estão recortando não apenas sua representação de realidade, mas também a linguagem, sistema simbólico através do qual tal representação adquire expressão e materialidade. A propósito, são também inúmeros os exemplos de ocorrências registradas em escritas espontâneas em que as crianças parecem ter segementado as seqüências de letras a partir de considerações mais de ordem prosódica do que semântica. Não nos ocuparemos aqui dessee scaso, no entanto.

Tomamos o caso da categoría III do experimento de Huttenlocher como base de nosas coniderações sobre esses dados de hipo-segmentação observados nas escritas espontâneas porque os exemplos dessa categoria são os que melhor a listratma o que aqui consideramos como um possivel critério "primordal" rigulares possam parcere segmentações ja éfendada sobre emunicados lingilaticos, podem, na verdado, ser fragmentos de enunciados que indiciam uma maneira singular de interrepetaçõe e execute de mitadas de eventos do mundo.

Também não nos ocuparemos, aqui, dos exemplos das demais categorias do experimento de Hutteincher, mohos asilabamos que so demais parse de ados colocam problemas partículares de segmentação, que podem encoutra correlatos nos contextos típicos das escritais espontâneas. Serás muito interessante, por exemplo, verificar como as crianças lidam com a escrita de elementos como proto e branco, pé e mão etc., em temos de colocação de espaços em branco, no caso que o uso de tais pares for significativo para os textos que elaboram, ocorrendo próximos um do cutre em algum emunicado. Debamos a busca de respostas para esta e para outras muitas perguntas relativas ao desenvolvimento dos critérios de sesementação na escrita para estatés posteriores.

5. Referências Bibliográficas

Abaurre, M.B.M. (1988a). O que revelam os textos esponifacos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? Em: M. Kato (org.), A Concepção da Escrita pela Criança. Campinas: Postes Editores. Abaurre, M.B.M. (1988b). The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic

representations. European Journal of Psychology of Education, III(4).

Absurre. M.B.M. (1991a). Ritmi dell'oralità e ritmi della scrittura. Em: M. Orsolini e C. Pontecorvo (orgs.),

Absurre, M.B.M. (1991a). Ritmi dell'oralità e ritmi della scrittura. Em: M. Orsolini e C. Pontecorvo (orgs.), La Costruzione del Testo Scritto nei Bambini. Firenze: La Nuova Italia Editrico.

Absurre. M.B.M. (1991b). Os estudos limitisticos e a nuisicisco de secrita. Anuis do Il Eucourro Nacional sobre

Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: PUCRS.

Abaurre, M.B.M. (1991c). A relevância dos critérios prosódicos e semánticos na claboração de hipóteses sobre

segmentação na escrita inicial. Boletim da ABRALIN, 11. Campinas: IEL/UNICAMP.

- Dascal, M. (1987). Language and reasoning: sorting out sociopragmatic and psychopragmatic factors. Em: J.C. Bosdreaux, B.W. Hamille R. Jernigan (orgs.), The Role of Language in Problem Solving 2. North Holland: Ellewire Science Publishees.
- Essevier Science Pussissers.
 Da Silva, A. (1989). A Relação entre a Fala e a Segmentação na Escrita Eapontânea de Crianças da 1º Série do 1º Grau. Dissertação de Mostrado. UNICAMP: IEL.
- Da Silva, A. (1991). Alfabetização: a Escrita Espontânea. São Paulo: Editora Contexto.
- Ferreiro, E. e Teberosky, A. (1979). Los Sistemas de Escritura en el Desarrollo del Niño. México: Siglo XXI Editores.
- Holden, M.H. e MacGinitie, W.H. (1972). Children's conceptions of word boundaries in speech and print. Journal of Educational Psychology, 63(6).
- Huttenlocher, J. (1964). Children's language: word-phrase relationship. Science, 143, 3603.
- Karpova, S.N. Osonzumie slovensogo sostava rechi rebekom doubkol'nogo voznasta. (The pre-schooler's realization of lexical structure of speech), Vopony Psiklologii, 1955, 4, (yara um resumo em inglês, cf. D.L Slobin, Abstract of Soviet Studies of Child Language. Em: F. Smith e G.A. Miller (orgs.), The Genesis of Language. Cambridge, Mass. M.H.T. Press, 19690.
- Peters, A. (1983). The Units of Language Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press.